

A POESIA VISCERAL E VISIONÁRIA DE AUGUSTO DOS ANJOS

Sergio Carvalho de Assunção (scassuncao@uol.com.br)
Universidade Estácio de Sá (UNESA)
Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: Este artigo tem por objetivo identificar e explorar as marcas que compõem a modernidade poética de Augusto dos Anjos (1884-1914), delineada tanto pelo diálogo com as vertentes estéticas e filosóficas da tradição oitocentista, quanto pela experimentação vanguardista do século XX. O presente artigo visa, ainda, destacar a autoconsciência crítica e criadora em sua poesia, que o transformou em uma referência fundamental para a moderna poesia brasileira e para as futuras gerações de leitores, considerando as inúmeras reedições de sua obra até os dias de hoje.

Palavras-chave: Augusto dos Anjos. Poesia. *Eu*.

THE VISCERAL AND VISIONARY POETRY OF AUGUSTO DOS ANJOS

Abstract: This article aims at identifying and exploring features of poetic modernity in Augusto dos Anjos (1884-1914), which is shaped by both a dialogue with aesthetic and philosophic traditions from the 1800s and also by the avant-gardist experimentation of the 20th century. The article further intends to highlight the critical and creative self-consciousness in his poetry, which has made him a fundamental reference for Brazilian poetry and for future generations of readers, considering the countless re-editions of his works that have been published up to date.

Keywords: Augusto dos Anjos. Poetry. *Eu*.

Artigo recebido em 30 set. 2014 e aceito em 03 nov. de 2014.

Introdução

*Vestido de hidrogênio incandescente,
Vaguei um século, improficuamente,
Pelas monotonias siderais...*

*Subi talvez às máximas alturas,
Mas, se hoje volto assim, com a alma às escuras,
É necessário que inda eu suba mais!*

Augusto dos Anjos

Ao lançar seu único e personalíssimo livro intitulado *Eu*, em 1912, o poeta Augusto dos Anjos inscreveu, definitivamente, seu nome na história da moderna poesia brasileira, ao apresentar uma obra de estilo inovador e jamais igualada. Tanto pela originalidade de sua linguagem, catalisadora das correntes estéticas e filosóficas oitocentistas, quanto pela plasticidade visual, que o aproximou das produções vanguardistas europeias na transição do século XIX para o século XX, o caráter experimental de sua linguagem superou a consciência estética e cultural do período pré-modernista em que, cronologicamente, sua poesia está localizada.

Ao longo do tempo constituiu-se uma fortuna crítica ampla e diversa sobre o poeta que pode ser dividida em duas vertentes. Na primeira, há aqueles que tentam delimitar qual o lugar ocupado por Augusto dos Anjos no panorama da poesia brasileira, reduzindo sua poesia a formalismos e a comparações com outros poetas, sobretudo europeus – além de outros que rastreiam sua produção sob o tom confessional, pessoal e autobiográfico. Na segunda, há outros que elevam a arte de Augusto dos Anjos a uma extraordinária expressão do drama humano, tanto pela reflexão existencial potencializada em sua realidade verbal, quanto pela revelação de uma beleza que se ilumina das formas sombrias. Dentre eles, há alguns críticos que nos permitem uma aproximação mais substancial com a poesia de Augusto, como, por exemplo, Órris Soares, Manuel Bandeira, Anatol Rosenfeld e Ferreira Gullar.

Talvez possamos dizer que, motivados pela ambição de se estabelecer uma moldura para Augusto dos Anjos, o primeiro grupo restringiu sua abordagem a um formalismo reducionista e determinante,

relegando sua produção a comparações ou aplainando-a em um horizonte histórico, sociológico e até mesmo psicológico, ao tentar identificar em seus versos, os traços de sua interioridade pessoal.

Afinal, seria mesmo pertinente chamá-lo de naturalista? Seria possível classificá-lo apenas como um cientificista? Seria o bastante caracterizá-lo como mais outro epígono baudelairiano? Ou ainda, vê-lo como um simbolista ou parnasiano ou pré modernista?

Ou seria plausível dizer que são reconhecíveis em sua poesia os traços de uma modernidade, marcada tanto pela consciência em relação ao seu tempo e espaço, quanto pelo diálogo crítico permanente com as tradições oitocentistas, além do caráter experimental arrojado e inovador que o colocou muito mais próximo da radicalidade vanguardista que viria no início do século XX, do que as estéticas oitocentistas? Como adianta Órris Soares:

A que escola se filiou? – A nenhuma. Se o homem vale por seus sentimentos, com dobradas razões o poeta, dada sua maior riqueza de sensações. Isso de escolas é esquadria para médiocres. Só existe uma regra de escrita – a do escritor apoderar-se de sua língua e manejá-la de acordo com seu individualíssimo sentir. Se for um iluminado, fatalmente será grande; se lhe faltar a centelha divina, explorará quantos processos ou confrarias apareçam e nunca passará de número anódino, no meio da turbamulta dos escrevinhadores. (SOARES, 2004, p. 62)

Um segundo problema é aceitar a afirmação de que sua obra foi ‘precursora’ da geração modernista que viria a seguir, no início do século XX, sem que haja uma comprovação ou evidência que sustente a suposta ‘influência’ sobre a geração modernista. Nossa hipótese é que, talvez, seja possível destacar a importância de Augusto dos Anjos no contexto da moderna poesia brasileira exatamente como um poeta que antecipa questões modernas que serão radicalizadas pela geração modernista em seguida.

Abordaremos estas questões a partir de três eixos a seguir.

O ‘eu’ em crise

*Eu sou aquele que ficou sozinho
Cantando sobre os ossos do caminho
A poesia de tudo quanto é morto!*

Augusto dos Anjos

Antes de adentrar em sua única e singularíssima obra intitulada *Eu*, deparamo-nos com a pergunta inevitável: quem seria este ‘eu’ que assina a poesia de Augusto dos Anjos? Obviamente não se trata de um tom confessional, mas sim de um ‘eu’ que se projeta sob acirrada tensão dramática, e funde, dialeticamente, esferas dissonantes, como uma voz que se revela ao mesmo tempo em que se esconde, na instantânea fugacidade crepuscular, para depois recolher-se ao silêncio original.

Sim, é uma voz agônica, atormentada e angustiada pelo fato de sonhar e idealizar sua existência, ao mesmo tempo em que reconhece sua natureza corpórea, limitada e imperfeita. Pode-se dizer que *Eu* é a projeção psicológica de uma consciência em crise, como nestes versos a seguir, do soneto “Vítima do dualismo” (ANJOS, 2004, p. 340):

Ser miserável dentre os miseráveis
— Carrego em minhas células sombrias
Antagonismos irreconciliáveis
E as mais opostas idiosincrasias!

Muito mais cedo do que o imagináveis
Eis-vos, minha alma, enfim, dada às bravias
Cóleras dos dualismos implacáveis
E à gula negra das antinomias!

Psiquê biforme, o Céu e o Inferno absorvo...
Criação a um tempo escura e cor-de-rosa,
Feita dos mais variáveis elementos,

Ceva-se em minha carne, como um corvo,
A simultaneidade ultramonstruosa
De todos os contrastes famulentos!

Desde o título do poema ao primeiro termo do soneto, a tensão é expressamente assumida pela condição miserável do homem que, ambigualmente emprega o ‘ser miserável’ que permite ser lido tanto como substantivo, quanto na forma infinitiva. À medida em que os versos se sucedem, o ‘eu’ se despersonaliza ao assumir a condição de ‘ser miserável dentre os miseráveis’, em imanência solidária com o(s) outro(s), evidenciando uma subjetividade em crise a partir dos ‘antagonismos irreconciliáveis’ e das ‘opostas idiosincrasias’ que o compõem.

Ao projetar *Eu* como o núcleo primordial de sua poética, o que poderia atribuir-lhe uma tonalidade romântica, o poeta dissimula sua interioridade sensível, esquivando-se da subjetividade essencialmente romântica. Isto porque o romântico não só é aquele que se desencanta, que sofre, foge e se recolhe para junto da natureza bucólica, na tentativa de se reconciliar com o estado edênico perdido, mas ele é, sobretudo, aquele que exterioriza a realidade pelo filtro de suas sensações, fundindo a natureza ao onírico, por meio dos sentidos e da imaginação. Seu exílio é ao mesmo tempo uma busca espiritualizada, seja no cultivo de certa transcendência mística e religiosa, ou na busca pelo êxtase beatífico através de psicotrópicos e entorpecentes expansores da consciência.

Ainda que *Eu* de Augusto beba na atmosfera lúgubre de Byron ou na fonte do pessimismo niilista e desencantado de Arthur Schopenhauer, tal desencanto é consequência de sua consciência, que assiste a corrupção dos valores morais da sociedade, da descrença religiosa e ausência de perspectivas de transformação. A revelação da decadência humana talvez seja o princípio de uma consciência, ao perceber que há um preço a ser pago pelo homem diante da implacável vida moderna, civilizada e urbanizada, seja o vício, a doença ou a escravidão, engendrados pela desmesura do instinto, como no poema “As cismas do destino” (ANJOS, 2004, p. 211):

A noite fecundava o ovo dos vícios
Animais. Do carvão da treva imensa
Caía um ar danado de doença
Sobre a cara geral dos edifícios!

Tal uma horda feroz de cães famintos,
Atravessando uma estação deserta,
Uivava dentro do eu, com a boca aberta,

A matilha espantada dos instintos!

Era como se, na alma da cidade,
Profundamente lúbrica e revolta,
Mostrando as carnes, uma besta solta
Soltasse o berro da animalidade.

Enquanto o romântico cultivava o exílio do mundo civilizado, Augusto assimila o ônus da decadência burguesa e a ideologia de seu tempo, ao incorporar a filosofia e o cientificismo em sua poética, sem jamais perder a consciência crítica ou ignorar o cotidiano da cidade, plasmando, em sua experiência estética, a angústia e a dor da existência humana. E é justamente esta dolorosa visceralidade, que o amigo Órris Soares afirma ter sido a motivação e o tônus da poesia de Augusto dos Anjos:

A única força criadora e redentora é a dor. E de todos os seus partos o maior foi o da consciência do homem. Faltara a dor, não haveria percepção. Se a consciência é o sentimento íntimo do 'eu', só a dor possui a faculdade de aumentar, aclarando, essa manifestação imediata e poderosa da sensibilidade, enquanto a alegria, no seu rodopiar eterno de farsante, dançando ao som do pandeiro, a dispersa e anula. Foi sempre amparado por essa visão sofredora que o poeta viu e sentiu a vida. (SOARES, 2004, p. 61)

O cientificismo e a transcendência metafísico-teológica

*É a potencialidade que me eleva
Ao grande Deus, e absorve em cada viagem
Minh'alma – este sombrio personagem
Do drama panteístico da treva!*

Augusto dos Anjos

Em consonância com a realidade e os anseios da segunda metade do século XIX, a concepção poética de Augusto dos Anjos foi, mais uma vez, fundamentada pela efervescência científica e filosófica desta época, ao fundir a teoria evolucionista de Charles Darwin e o panteísmo místico e

monista de Herbert Spencer e Ernst Haeckel, potencializados pelo niilismo de Schopenhauer.

Na visão do poeta, a existência se organiza como um sistema que compreende desde os micro organismos celulares até os reinos mineral, vegetal e animal, além de abranger, naturalmente, a espécie humana, ao mesmo tempo em que atinge as nebulosas, os planetas e corpos celestes no espaço sideral. Assim, cada um destes elementos torna-se parte integrante de uma realidade dinâmica em expansão, de modo que todos sejam regidos por um ritmo harmonioso e universal. Tal concepção é tão essencial para o poeta, que pode servir para compreender sua obra, de modo que cada poema corresponde a uma célula que constituirá uma totalidade orgânica em *Eu*, conforme a perspectiva da existência em sua unicidade, como no poema “Noite de um visionário” (ANJOS, 2004, p. 275):

Depois de dezesseis anos de estudo
Generalizações grandes e ousadas
Traziam minhas forças concentradas
Na compreensão monística de tudo.

Se de um lado há uma energia que se concentra oculta na substância bruta dos nervos e moneras, do outro há uma imaginação sombria e diáfana que se lança ao etéreo das quimeras. Esta projeção misteriosa, fantasmagórica e onírica, eclode das crises alucinatórias de uma consciência esboroadada pela angústia, dando vazão a esfera inconsciente e imaginária em *Eu*.

Em outras palavras, tal evasão cósmica e transcendente dos sonhos não passa de uma idealização, que se contrasta com a materialidade fisiológica e orgânica do corpo, segundo a filosofia monista que concebe os elementos heteróclitos da natureza e do cosmo em simbiose com a subjetividade. É possível observar que sua poesia apresenta uma motivação paradoxal entre o concreto e o espectral, de modo que a representação destas duas esferas constituem uma dialética e uma síntese, como tons dissonantes que se harmonizam, indo das larvas as sombras, do caos ao cosmo, da carne a alma, como no poema “Monólogo de uma sombra” (ANJOS, 2004, p. 195):

Sou uma Sombra! Venho de outras eras,
Do cosmopolitismo das moneras...
Pólipo de recônditas reentrâncias,

Larva de caos telúrico, procedo
Da escuridão do cósmico segredo,
Da substância de todas as substâncias!

A simbiose das coisas me equilibra.
Em minha ignota mônada, ampla, vibra
A alma dos movimentos rotatórios...
E é de mim que decorrem, simultâneas,
A saúde das forças subterrâneas
E a morbidez dos seres ilusórios!

Além desta motivação paradoxal entre a substância e o sonho, que podem ser compreendidos sob a unidade dialética, a perspectiva da poesia de Augusto dos Anjos é sempre potencializada pelos estertores do corpo, dos instintos, nervos, da epiderme que manifestam a máxima sensibilidade do desejo, enfim, da consciência levada ao delírio e a loucura. Tanto que, quando o poeta sonha com a evasão cósmica, esta projeção é recorrentemente marcada pela expressão de um ideal cristalizado e pela tentativa de representação do misterioso e enigmático, tão próximos da estética simbolista. No entanto, esta evasão jamais se realiza, devido a predominância da dor, do desespero e da impotência do homem diante do vício, da doença e da morte.

Ainda que o poeta deseje se libertar da morte e atingir a fluidez espectral, ainda que almeje as alturas, sua condição humana prevalece sobre a evanescência do idealismo, propiciando-lhe o eterno retornar à anatomia corpórea, agrilhado pela brutalidade terrena, sentindo-se aprisionado nas chamas do instinto ao mesmo tempo que consciente de sua precariedade humana e mundana.

Entretanto, ao estabelecer uma analogia com o sagrado – haja vista a recorrente reverência a Deus em sua obra –, o poeta compreende que embora seu corpo esteja preso ao mundo, é sua alma que dirige-se a Deus. Sua visão de Deus não está fundada em um dogmatismo teológico, e sim motivada pela perspectiva monista, à medida em que o poeta anseia dessacralizar a transcendência idealizada de Deus, para objetiva-la no plano de sua experiência, ou seja, retira Deus do horizonte sagrado e inatingível, para transsubstanciá-lo na espessura do corpo e da natureza humana, como nos exemplos dos respectivos poemas “Revelação” (ANJOS. 2004, p. 348),

“Gemidos de arte” (ANJOS, 2004, p. 261) e “*Vox victimae*” (ANJOS, 2004, p. 364):

(...)

Escafandrista de insondado oceano
Sou eu que, aliando Buda ao sibarita,
Penetro a essência plásmica infinita,
- Mãe promíscua do amor e do ódio insano!

(...)

Barulho de mandíbulas e abdomens!
E vem-me com um desprezo por tudo isto
Uma vontade absurda de ser Cristo
Para sacrificar-me pelos homens!

(...)

E aí! Como é boa esta volúpia obscura
Que une os ossos cansados da criatura
Ao corpo ubiqüitário do Criador!

Mais uma vez, esta irrealizável aspiração também pode ser vista como o delírio de uma consciência existencial em crise com a experiência vivencial. Afinal, por mais que o poeta tente manifestar sua concepção de Deus no nível da experiência humana – seja na tentativa de aniquilar a vontade pelo niilismo ao aproximar-se da passividade budista, ou seja pelo paganismo trágico e sacrificial, ao mergulhar na dor universal para atingir o sublime, ou seja ainda pela penitência do amor abnegado, da caridade e da comunhão com o próximo, herança de sua criação católica –, sua poesia não se furta em acusar a incapacidade humana de expressar a Deus.

Ainda que o poeta almeje compreender e expressar a Deus, sua experiência poética revela, mais uma vez, uma consciência em crise e oxidada desde os alicerces de sua crença, ao expor um maniqueísmo irreconciliável que não se permite harmonizar. Em outras palavras, resta à criatura apenas reconhecer e exaltar seu criador, mas jamais dominar sua natureza infinita pela matéria finita ou, ainda, ousar explicar sua misteriosa e inapreensível extensão, sob a humana e limitada razão.

Como escreveu Manuel Bandeira, em sua obra *Apresentação da poesia brasileira*:

Acreditava em Deus? Acreditava e rezava as preces católicas. Mas na sua poesia a concepção do universo não é ortodoxa, tem algo de maniqueísta, opondo ao mundo do espírito, ao mundo de Deus, o mundo da matéria, evoluído segundo a teoria darwinista, o mundo da ‘força cósmica furiosa’. A consciência poética desse duelo terrível é que alimentava a angústia metafísica de Augusto dos Anjos e o fazia delirar em ‘cismas patológicas insanas’. A sua inspiração suprema seria dominar todos os contrastes, resolvê-los na unidade do Grande Todo, que sonhou culminar com a onipotência da divindade. (BANDEIRA, 2009, p. 145)

O que nos parece inegável é que o poeta admita a existência do Deus universal dessacralizado e manifesto na própria substância, segundo sua convicção monista, e que sua consciência angustiada é fruto da precariedade humana e da absoluta impotência diante da morte. Em contrapartida, isto não significa que suas crises sejam atenuadas ou extintas, restando a ele cultivar a bondade do gesto e do amor desinteressado pelo outro como forma de atingir a salvação, uma vez que sua condição humana jamais permitirá compreender a eternidade de Deus, a não ser como um mistério infinito, como em “Viagem de um vencido” (ANJOS, 2004, p. 358)

Na avançada epiléptica dos medos
Cria ouvir, a escalar Céus e apogeus,
A voz cavernosíssima de Deus
Reproduzida pelos arvoredos!

Agora, astro decrépito, em destroços,
Eu, desgraçadamente magro, a erguer-me,
Tinha necessidade de esconder-me
Longe da espécie humana, com os meus ossos!

Restava apenas na minha alma bruta
Onde frutificara outrora o Amor
Uma volicional fome interior
De renúncia budística absoluta!

Porque, naquela noite de ânsia e inferno,
Eu fora, alheio ao mundanário ruído,
A maior expressão do homem vencido
Diante da sombra do Mistério Eterno!

O expressionismo xilográfico e a autoconsciência expressional

*O Viajeiro vai, e vê a luz e vendo
Uma sombra que passa, uma nuvem que corre,
Caminha e vai, e, louco, abraça a sombra e ... morre!
E a alma se lbe dilui na amplidão infinita...
Agonia de amar, agonia bendita!*

Augusto dos Anjos

A originalidade da poesia de Augusto dos Anjos se deve à estranheza de sua linguagem sombria, marcada pelos elementos lúgubres e paisagens sinistras que contrapõem-se a dissonância de um léxico ainda mais estranho, de erudição científica rebuscada, porém, artesanalmente forjado ao nível prosaico do cotidiano.

O efeito de sua poesia revela-nos uma plasticidade expressionista¹ que pode ser comparada à xilogravura, na medida que os versos são carregados pelo contraste entre o negror da treva e as cintilações delirantes de um sujeito atormentado e visionário.

Mais que um cenário de fundo, as sombras e a escuridão reforçam a expressividade angustiante dos poemas, além de sobressair o brilho metálico do léxico e a luminosidade cromática das imagens, como pequenas iluminuras que saltam de dentro das paisagens negras, noturnas ou crepusculares, tal como no poema “Idealizações” (ANJOS, 2004, p. 447).

Em vão flameja, rubro, ígneo, sangrento
O sol, e, fulvos, aos astrais desígnios,
Raios flamejam e fuzilam ígneos,
Nas chispas fulvas de um vulcão violento!

E tudo em vão! Atrás da luz dourada,
Negras, pompeiam (triste maldição!)
- Asas de corvo pelo coração..
- Crepúsculo fatal vindo do Nada!

Que importa o Sol! A Treva, a Sombra - eis tudo!
E no meu peito - condensada treva -
A sombra desce, e o meu pesar se eleva

E chora e sangra, mudo, mudo, mudo...

Após verificar a impossibilidade de qualquer contato havido entre o poeta brasileiro e o coetâneo expressionismo alemão do início do século XX, Anatol Rosenfeld destacou as semelhanças formais e temáticas entre a linguagem de Augusto e aquela vanguarda, fazendo um paralelo entre eles, e revelando suas marcas comuns. Coincidentemente, há em comum entre eles a linguagem mórbida, a expressividade visual, o cromatismo acentuado, os contrastes xilográficos, a ‘dermatologia lírica’, as imagens chocantes, e a criação de uma dicção que unia termos grotescos a linguagem familiar, como modo de chocar e ridicularizar os valores burgueses citadinos.

Essa poesia sadomasoquista lança o desafio do radicalmente feio à face do pacato burguês, desmascarando, pela deformação hedionda, a superfície harmônica e açucarada de um mundo intimamente podre. Não só o ser humano, também a palavra e a metáfora tradicionais desintegram-se ante o impacto dessa poesia. Surge, ao lado da montagem do termo técnico no contexto da língua tradicional – a dissociação pelo linguisticamente heterogêneo – uma metafórica grotesca, ‘marinista’, que opera com o incoerente. (ROSENFELD, 2004, p. 187)

Entretanto, além da acentuada visualidade, é importante notar a sutileza rítmica e melódica dos versos da poesia de Augusto dos Anjos, de modo que é a música que aglutina e harmoniza os contrastes dissonantes entre a erudição e o prosaísmo, entre a luz e a escuridão, constituindo uma unidade no tempo e no espaço, sob a forma clássica das quadras e sonetos.

Contudo, ainda que se possa comparar sua poesia com as tradições oitocentistas do fim do século XIX, como o naturalismo, simbolismo, neorromantismo e parnasianismo, a poética de Augusto dos Anjos aproxima-se mais da deformação expressionista do século XX, antecipando traços de uma modernidade que só viria a afirmar-se enquanto projeto estético e ideológico com o modernismo de 1922.

Enquanto estas tradições valorizavam o rigor formal, a poesia de Augusto dos Anjos focaliza a natureza humana turbada pela crise entre o desejo do ideal e a consciência angustiada, diante do limite visceral. Logo, seu tom ardoroso e questionador pode ser visto como um traço desta consciência crítica moderna, marcado pela angústia existencial e pela perda

da liberdade do sujeito diante do controle e da opressão social e econômica, como no poema “O corrução” (ANJOS, 2004, p. 274).

Escaveirado corrução idiota,
Olha a atmosfera livre, o amplo éter belo,
E a alga criptógama e a úsnea e o cogumelo,
Que do fundo do chão todo o ano brota!

Mas a ânsia de alto voar, de à antiga rota
Voar, não tens mais! E pois, preto e amarelo,
Pões-te a assobiar, bruto, sem cerebello
A gargalhada da última derrota!

A gaiola aboliu tua vontade.
Tu nunca mais verás a liberdade! ...
Ah! Tu somente ainda és igual a mim.

Continua a comer teu milho alpiste.
Foi este mundo que me fez tão triste,
Foi a gaiola que te pôs assim!

Sobre este aspecto da modernidade da poesia de Augusto dos Anjos, foi Ferreira Gullar (2011), em seu ensaio “Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina”, quem constatou a contundente mudança de qualidade na poesia brasileira a partir de *Eu*. Este salto, segundo Gullar, ocorre quando o poeta Augusto dos Anjos toma consciência da realidade social brasileira e assimila o prosaísmo do cotidiano em sua poesia, como naquele que talvez seja o seu mais famoso poema, “Versos íntimos” (ANJOS, 2004, p. 280):

Vês?! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão — esta pantera —
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!

Este desequilíbrio entre a forma e a consciência social da poesia brasileira anterior a Augusto dos Anjos evidenciava um falseamento estético, devido ao distanciamento ideológico, ou seja, a submissão irrefletida às tradições e formalismos importados da Europa, sem que houvesse uma consciência crítica mais atilada de nossos escritores.

Até aquele momento, desde o período que chamou-se de barroco, passando pelo arcádico, romântico, naturalista, simbolista e parnasiano², a atividade literária e a realidade social sempre estiveram em desalinho. Ao passo que, muito embora seja possível identificar elementos modernos em Gregório de Matos, Basílio da Gama ou Sousândrade, não é possível afirmar que eles romperam com as formas dominantes de seus períodos e com os respectivos contextos históricos, sociais e estéticos.

Porque, como afirmamos antes, a poesia de Augusto dos Anjos não nasce de uma assimilação crítica e de uma superação paulatina das técnicas e valores poéticos, mas de uma conjunção de fatores que o obrigam a romper com a linguagem (com a visão) poética em voga. Daí a presença, em sua obra, tanto de elementos que põem adiante de sua época como de outros que, prendendo-o a ela, ocultam-nos seus traços inovadores. (GULLAR, 2011, p. 37)

No entanto, embora o enfoque de Gullar tenha sido bastante pertinente ao abranger a poesia de Augusto como um todo, destacando os elementos que compõem a autenticidade e a modernidade de sua poética, sua análise se compromete ao afirmar peremptoriamente que Augusto dos Anjos foi “o precursor, a meu juízo, da poesia que se fará no Brasil depois do movimento de 22” (GULLAR, 2011, p. 26).

Mais adiante, para justificar a influência direta de Augusto dos Anjos sobre a narrativa de Graciliano Ramos e a poesia de João Cabral de Melo Neto, Ferreira Gullar embasa seu argumento no ‘lugar comum’ do

regionalismo nordestino, da decadência dos engenhos, e da recorrente temática da morte, evidenciando sua tese, inclusive, desde o título do ensaio mencionado, “Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina”³³, numa clara alusão a famosa obra de João Cabral.

Evidentemente, é extremamente plausível e proveitoso aproximar ou comparar as linguagens de determinados poetas de épocas ou nacionalidades distintas, visando uma leitura que proponha expandir estas obras para além de suas respectivas cronologias, guardando, claro, suas devidas proporções e singularidades. Mas, para determinar a existência de uma relação direta entre elas, atribuindo-lhes o peso da influência, continuidade ou evolução, como precursora, é preciso fundamentar tal argumento como a devida substancialidade que comprove a tese. Logo, eis aí a questão.

Primeiramente, lembremos que a poética de Augusto dos Anjos focalizou a dramática condição humana e sua universalidade, desenraizada de uma localização geográfica essencial.

Segundo, em nenhum momento Graciliano ou o próprio João Cabral admitiram a influência direta de Augusto sobre suas respectivas poéticas, como, por exemplo, Cabral o fez em “Considerações sobre o poeta dormindo”, “Psicologia da Composição”, “Da função moderna da poesia”, ou no ensaio sobre o amigo e pintor espanhol “Joan Miró”, tecendo através destes ensaios a correspondência entre sua obra e sua concepção poética, ou ainda sobre aquele que, exerceu maior influência sobre sua poética, como o próprio Cabral afirma que “a maior influência que recebi foi a de Le Corbusier. Aprendi com ele que se podia fazer uma arte não com o mórbido, mas com o são, não com o espontâneo, mas com o construído” (MELO NETO, 2008, p. xxxii).

Podemos sim concordar com o fato de que a poesia de Augusto dos Anjos operou um salto de qualidade em nossa poesia nacional, modernizando-a, ao catalisar as estéticas oitocentistas e subverter seus modelos, questionando-os e superando-os, enfim, estabelecendo um diálogo com a tradição, como sendo um dos elementos da modernidade.

Em face deste diálogo, torna-se possível vislumbrar na poesia de Augusto tanto as catedrais de Goethe quanto a noite de Novalis. Em sua poesia estão também a sombra fantasmagórica de Hamlet e o corvo de Edgar Allan Poe sobrevoando o ‘eu’ atormentado e alucinado de Augusto,

além de alguns poemas exalarem o perfume dos cadáveres e da fumaça opiada do cachimbo de Baudelaire.

Lá estão a fusão mística e científica de Antero de Quental e o prosaísmo de Cesário Verde. Lá estão a Iracema e os Goytacazes da geração romântica indianista, a boemia de Álvares de Azevedo, as paisagens quiméricas e o filtro social de Castro Alves, além da religiosidade de Alphonsus de Guimarães e Cruz e Souza, da musicalidade de Bilac e Raimundo Correa, e *Os sertões*, de Euclides da Cunha, o que comprova sua atilada autoconsciência crítica, cultural e universal, sem derrapar no reducionismo regionalista.

Diante destas evidências, acreditamos que a poesia de Augusto dos Anjos pode ser considerada como um ponto de ebulição da poesia brasileira, ao atualizar as correntes oitocentistas sob um filtro crítico, além de antecipar o vanguardismo expressionista do século XX, assimilando, portanto, uma tendência moderna. Mas, jamais podemos considerá-la como precursora do modernismo que viria a seguir em João Cabral. Até porque, Cabral pertence a geração de 1945 e, antes dele, nossa poesia moderna passou por uma maturação que veio desde Raul Bopp, Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Vinicius de Moraes, Cecília Meireles, Carlos Drummond e Murilo Mendes, entre outros.

Contudo, ao mesmo tempo que a autoconsciência expressional de Augusto dos Anjos opera certa fusão de esferas aparentemente contraditórias, galvanizando os termos científicos ao prosaísmo da linguagem cotidiana, o próprio poeta talvez tenha tido a consciência de que seu investimento nem sempre obteve o mesmo acabamento, talvez, em alguns momentos, por uma erudição excessiva, ao ponto de o poeta, ironicamente, acusar os limites d'a língua molamba e paralítica'.

Quanto a primeira pergunta feita no início do texto, talvez este estranho *Eu* de Augusto dos Anjos seja uma voz extraordinária que ecoa das páginas e se familiariza imediatamente com aqueles que o lêem, menos pela autêntica expressividade, mas, sobretudo, pela realidade de uma experiência estética que nos funde à experiência vivencial e impessoal deste sujeito que transborda sua humanidade, repleto de crises, limitações e superações, e que iluminam a nossa humana condição conflituosa, sonhadora, visceral e visionária.

Quando o homem resgatado da cegueira
Vir Deus num simples grão de argila errante,
Terá nascido nesse mesmo instante
A mineralogia derradeira!

A impérvia escuridão obnubilante
Há de cessar! Em sua glória inteira
Deus resplandecerá dentro da poeira
Como um gasofiláceo de diamante!

Nessa última visão já subterrânea,
Um movimento universal de insânia
Arrancará da insciência o homem precito...

A Verdade virá das pedras mortas
E o homem compreenderá todas as portas
Que ele ainda tem de abrir para o Infinito! (ANJOS, 2004, p. 327)

Notas

¹ Segundo a definição introdutória de Claudia Cavalcanti, em *Poesia expressionista alemã: uma antologia*: “O expressionismo foi um dos movimentos artístico-literários da vanguarda modernista europeia do começo do século XX (quando se encontraram, cruzaram ou contrapuseram correntes como o naturalismo, o simbolismo, os neorromantismo e classicismo, o *Fin-de-Siècle* e o impressionismo) e, apesar de ter sido um entre vários, revelou-se uma vertente da modernidade das mais representativas, não apenas por ter conquistado, além da literatura, as artes plásticas, a dança, o cinema, a arquitetura e a música, mas também porque centenas de artistas praticamente começaram sua carreira dentro do movimento, para desaparecer depois ou, dentro da literatura, fazer parte de sua história, como é o caso de Gottfried Benn, Georg Trakl e Else Lasker-Schüler – só para citar alguns (...)” (CAVALCANTI, 2000, p. 17).

² Sobre o tema do papel e da consciência social do artista literário na cultura brasileira do começo do século XX, Antonio Candido dedicou dois ensaios, intitulados “A literatura e a vida social” e “Literatura e cultura de 1900 a 1945” (CANDIDO, 2006, p. 27-49; 117-145).

³ O título do artigo citado “Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina” é uma clara alusão a obra “*Morte e vida severina*”, de João Cabral de Melo Neto.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Augusto dos. *Augusto dos Anjos: obra completa*. Org. Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

ANJOS, Augusto dos. *Toda poesia de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira*. São Paulo: CosacNaify, 2009.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CAVALCANTI, Cláudia (org). *Poesia expressionista alemã: uma antologia*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

GULLAR, Ferreira. “Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina”. In: ANJOS, Augusto dos. *Toda poesia de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

MELO NETO, João Cabral de. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

ROSENFELD, Anatol. “A costela de prata de Augusto dos Anjos”. In: ANJOS, Augusto dos. *Augusto dos Anjos: obra completa*. Org. Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

SOARES, Órris. “Elogio de Augusto dos Anjos”. In: ANJOS, Augusto dos. *Augusto dos Anjos: obra completa*. Org. Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.